

O X da Questão: Evolução, alteridade e preconceito como desafios à tolerância - uma leitura a partir dos X-Men -

Por Iuri Andréas Reblin*

Resumo:

O presente artigo explora o tema da tolerância e a sua urgência diante de questões como a alteridade e o preconceito, através de uma leitura da história dos X-Men, apresentada na trilogia cinematográfica** encerrada no início deste século. Os super-heróis mutantes foram criados em 1963 e carregam todos os medos e esperanças de um período pós-guerra e de transformações sociais. Este artigo revela que, para o exercício da tolerância, a mobilização de vários elos da teia social é necessária. Para discutir a tolerância, os filmes dos X-Men se tornam emblemáticos no que tange as relações humanas entre pessoas de diferentes etnias, culturas e crenças. O presente artigo aponta a prática da tolerância como perspectiva para a convivência pacífica, baseada na compreensão do amor tal como proposta pelo teólogo dinamarquês Søren Kierkegaard.

Palavras-chave:

tolerância – preconceito – alteridade – super-heróis - quadrinhos

Linhas Iniciais

A tolerância é uma preocupação moderna e cada vez mais enraizada no cotidiano das pessoas. Parece que toda a trajetória de guerras e de violência na história da humanidade tem sensibilizado gradativamente mais as pessoas, que tem contado com o apoio dos cientistas no processo de conscientização de que a raça

* Teólogo, mestrando no Instituto Ecumênico de Pós-Graduação (IEPG), em São Leopoldo, RS, com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Pesquisa a relação entre a religião e a construção dos super-heróis, o pensamento teológico de Rubem Alves, entre outras coisas. Para maiores informações, confira: "Para o Alto e Avante", em *Protestantismo em Revista*, na Internet: <<http://www.est.edu.br/nepp/revista/007/index.htm>>.

** As imagens utilizadas neste artigo (na versão em HTML) referem-se ao filme *X-Men: O confronto final*, produzido pela Twentieth Century Fox Film Corporation e Dune Entertainment LLC., sob licença da Marvel. São imagens de divulgação do filme, encontradas na internet e utilizadas aqui somente para fins científicos, sem a intenção de desmerecer qualquer direito autoral.

humana poderá ser responsável por toda a extinção da vida no planeta. Esse fato comprovaria a tese do filósofo Richard Rorty que afirma que, a partir de experiências de crueldade e de violência, é possível expandir a sensibilidade solidária e ampliar paulatinamente “o campo de responsabilidade moral das pessoas”¹.

Longe de adentrar nas argumentações e nas propostas sugeridas pelo filósofo, o desafio urgente da sociedade planetária é repensar as diversas formas de relacionamento entre as pessoas das mais variadas culturas, credos ou etnias, quer esse processo de transformação das relações aconteça pela educação (como propõe o filósofo e pedagogo Lawrence Kohlberg), quer essa conscientização ocorra pelo agir comunicativo (como sugere o filósofo social Jürgen Habermas)². Nesse sentido, não somente estudiosos discutem sobre o tema da tolerância, como também artistas e cineastas se manifestam (consciente ou inconscientemente) acerca do assunto através de canções, quadros, quadrinhos ou filmes. Todos entendem que o objetivo atual do mundo é buscar relacionamentos saudáveis e o respeito às diferenças em todos os âmbitos: do social ao político. Assim, a trilogia cinematográfica dos X-Men torna-se um referencial importante para a discussão acerca da tolerância.

Num futuro próximo...

*Mutação: é a chave da nossa evolução.
Nos permitiu evoluir de uma célula única à espécie dominante no planeta.
Esse processo lento, normalmente, leva milhares e milhares de anos.
Mas a cada centena de milênio, a evolução dá um salto.*

(narração em off, no início de X-Men – O Filme)

Os mutantes vivem entre nós: pessoas que nascem com habilidades extraordinárias e, na maioria das vezes, aparências atípicas que se revelam a partir da

¹ ASSMANN, Hugo; MO SUNG, Jung. *Competência e sensibilidade solidária: educar para a esperança*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2001. p. 41.
² ASSMANN; MO SUNG, 2001, p. 35-73.

puberdade ou em momentos de estresse intenso. Os mutantes causam medo e insegurança, por causa de suas capacidades incomuns. Alguns são capazes de atravessar paredes, outros podem manipular mentes, pessoas e objetos com o pensamento. Há aqueles que podem controlar o fogo e até mesmo existem aqueles que são capazes de sugar toda a vitalidade de uma pessoa apenas com um toque. Há ainda aqueles que sofrem grandes alterações físicas como a mudança da cor da pele (para tons como o azul ou o verde) como o aparecimento de asas, como o surgimento de pelagem animal e ainda há aqueles que podem vir a ter feições que lembram o imaginário popular do demônio.

Considerando que o ser humano está subordinado a mecanismos de controle instituídos socialmente³, dentre os quais também se encontram os princípios morais, cabe perguntar se a regra continua valendo para todos os casos, pois, com poderes extra-ordinários, os mutantes poderiam facilmente subjugar os seres humanos e validar a sua própria vontade. É claro que as opiniões se dividem: de um lado, há aqueles que defendem uma coexistência pacífica entre humanos e mutantes e que isso pode ser resolvido a partir da educação (Professor Charles Xavier e os X-Men) e, de outro lado, há aqueles que acreditam que os seres humanos são o passado e que os mutantes são o futuro; que a superioridade mutante deve subjugar a inferioridade humana (Erik Lensherr, conhecido como Magneto, e a Irmandade Mutante). Há ainda certos membros de órgãos governamentais que assumem uma postura de temor em relação aos mutantes e que querem garantir a soberania humana (Senador Robert Kelly e General William Striker). É interessante observar que não há um antagonismo bem x mal (mutantes podem ser bons e maus) mas um antagonismo ideológico e político, além do medo diante do desconhecido (tanto que Xavier e Lensherr são amigos de infância, se respeitam mutuamente e se confrontam ao haver um conflito de interesses entre ambos). Em todo o caso, toda a disputa é sempre uma disputa pelo poder. E é nas tensões diárias que se revelam o preconceito, a alteridade

³ GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC, [s.d.]. p. 32ss.

e, por isso, se torna cada vez mais imprescindível conversar sobre tolerância. É sob essas premissas que está construída a história dos *X-Men*.

Quando Stan Lee lançou os personagens mutantes em setembro de 1963, não imaginou a repercussão que eles teriam na sociedade da época e que o sucesso os conduziria até as telas do cinema no início deste século. A idéia era simples: heróis que já nascem com superpoderes; uma idéia inspirada no surgimento e na exploração da energia atômica⁴. Com um olhar atento é possível perceber uma mistura de sentimentos e pensamentos que permeavam o imaginário popular comuns à época. Essa mistura de sentimentos e de pensamentos estava intrinsecamente relacionada ao clima pós-guerra, à repercussão dos efeitos devastadores que a radioatividade provocou nas pessoas e ao confronto cada vez mais intenso com culturas diferentes (alemães, russos, orientais, vietnamitas). Todos esses fatores fizeram com que o medo e a possibilidade de outros tipos de transformação se tornassem parte do imaginário popular⁵. Assim, não demorou, para que logo essa idéia simples de ‘heróis que já nascem com superpoderes’ incorporasse elementos bastante complexos como a *evolução*, a *alteridade*, o *preconceito*, os quais foram contrabalançados com a bandeira da *tolerância*.

Evolução, alteridade e preconceito...

A *evolução* é a responsável pelo desenvolvimento de seres com superpoderes na história. Segundo os ‘cientistas’ dos quadrinhos, há um gene presente no código

⁴ “Certa vez, [Jack] Kirby comentou sobre a gênese dos *X-Men*: ‘*Havia passado pouco mais de 15 anos desde (o ocorrido em) Hiroshima. O homem descobrira há pouco que podia retirar energia elétrica de uma usina nuclear. Não sabíamos ao certo o que a radioatividade podia fazer com as pessoas, só tínhamos visto o que aconteceu com a população de Hiroshima! Mas, talvez, ela também pudesse ser benéfica! Ela ainda não havia sido totalmente explorada!*’” (GUEDES, Roberto. *Quando surgem os Super-heróis*. Vinhedo: Opera Gráfica, 2004. p. 76). Grifos do autor.

⁵ REBLIN, Iuri Andréas. Por trás da máscara: apontamentos sobre as representações modernas do corpo. In: II CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE GÊNERO E RELIGIÃO. *Anais dos Trabalhos Apresentados*. São Leopoldo: EST, 2006. p. 6-8. CD-ROM

genético de alguns seres humanos, batizado de 'fator x', que é o responsável pelas alterações no organismo desses seres humanos. Na linguagem científica, esse seria o próximo passo da evolução humana: de *homo sapiens sapiens* se tornará *homo superior*. No entanto, como há ocasiões em que a evolução pode dar um salto e avançar milhares e milhares de anos, o que na linguagem científica se considera uma mutação genética, aconteceu que *homo sapiens sapiens* e *homo superior* começaram a coexistir no mundo. Seres humanos diferentes foram obrigados a aprender a conviver (ou não) o que conduz à questão da *alteridade*.

A preocupação com a alteridade é algo recente na história da humanidade e ganha atenção especial com o surgimento da Antropologia no século XIX. Mesmo antes do surgimento da Antropologia, a 'reflexão acerca do outro' sempre ocorria no encontro com o outro diferente e, nesse encontro, a alteridade sempre oscilava entre uma visão depreciativa e uma visão ingênua acerca do outro diferente. Tanto a visão depreciativa quanto a visão ingênua ou romântica acerca do outro partem da comparação que se faz da própria cultura com a cultura diferente. Em outras palavras, não se fazia uma reflexão acerca do outro, mas uma reflexão acerca de si mesmo diante do outro. Em todo o caso, ambas as visões tinham o mesmo princípio: elas desconsideravam o outro como ser humano. Isso é perceptível através da forma de comparação lingüística e caricatural que traziam imagens de animais selvagens⁶. Não foi esse o imaginário presente na 'cristianização forçada' da América? De qualquer forma, essas compreensões acerca da alteridade não mudaram com a emergência da Antropologia, mas 'evoluíram', pois o outro deixou de ser visto como um animal e passou a ser percebido como primitivo, i.e., como um ser humano não-desenvolvido ou 'não-civilizado': "definir o outro como primitivo é incluí-lo na categoria de humano. Porém, as concepções não deixam de depreciar o diferente, agora menos evoluído e inferior à cultura 'civilizada'. Esta foi a abordagem fundante

⁶ SOUZA, Ezequiel de; OLIVEIRA, Kathlen Luana de. Tolerância e Alteridade. In: SALÃO DE PESQUISA 2002-2004. São Leopoldo: EST, 2004. p.1-3. CD-ROM.

da Antropologia, no chamado *Evolucionismo*. O outro foi desclassificado para poder ser dominado na Era Vitoriana: tudo em nome da civilização”⁷.

Na trilogia cinematográfica dos heróis mutantes (assim como nos quadrinhos) a alteridade é vista com desdém. Os mutantes são temidos e odiados pelas pessoas da sociedade. No primeiro filme, o medo da população é tanto que o personagem Senador Robert Kelly insiste em aprovar leis que regulamentem um registro dos mutantes existentes, a fim de poder ter um controle, como medida preventiva, caso os mutantes resolverem se revoltar contra ou dominar os seres humanos. Por outro lado, o ‘vilão’ do filme, Magneto, deseja acelerar a evolução e transformar toda a humanidade em *homo superior*. Essa transformação não seria natural e os seres humanos poderiam se decompor no processo. Os X-Men impedem que Magneto consiga executar seus planos e o prendem, mostrando que nem todos os mutantes querem dominar o mundo.

No segundo filme, a questão da alteridade adquire uma outra dimensão: experiências genéticas secretas (legais e ilegais) são realizadas com mutantes, tanto para fins científicos quanto para fins militares. Ao passo que o General William Striker (o vilão ‘humano’ do filme) cria uma arma para eliminar todos os mutantes e incita o presidente estadunidense a uma guerra declarada contra os mutantes, Magneto reconfigura a arma criada por Striker para que mate todos os humanos. Os X-Men evitam que o pior aconteça, destruindo a arma e entregando um dossiê ao presidente dos Estados Unidos sobre as experiências genéticas realizadas pelo General William Striker. Os X-Men continuam defendendo a convivência pacífica entre os seres humanos e os mutantes.

No terceiro filme, um empresário chega a desenvolver uma ‘vacina’ contra a mutação que vai ser usada, posteriormente, como arma pelos militares. Essa vacina, teoricamente, reverteria a mutação, transformando mutantes em pessoas ‘normais’.

⁷ SOUZA; OLIVEIRA, 2004, p. 3-4.

Magneto reúne um exército com a intenção de invadir o laboratório farmacêutico, localizado na Ilha de Alcatraz, e acabar com a chance de ‘cura’. No confronto final, os X-Men se colocam ao lado do exército estadunidense, garantindo a vitória dos seres humanos. Interessante ainda no terceiro filme é que a população mutante se divide: de um lado, existem aqueles que querem experimentar a ‘cura’ e viver como pessoas ‘normais’ (principalmente pessoas em que a fisionomia ou mesmo os poderes atrapalham a aceitação ou o contato com outros humanos, como a personagem Vampira, p. ex., incapaz de tocar alguém sem matá-lo) enquanto que, de outro lado, existem aqueles que defendem a auto-aceitação, tanto através da educação e da tolerância (X-Men) quanto mediante a subjugação dos seres humanos ‘normais’ (Irmandade Mutante). Além disso, o terceiro filme ainda mostra uma evolução na reflexão constitucional em relação aos mutantes: há um secretário diplomático encarregado dos assuntos mutantes e que representa o interesse da comunidade mutante junto ao governo.

A representação política da comunidade mutante é um contraponto importante na busca por uma equidade entre pessoas diferentes. Embora a idéia de um representante mutante no congresso nacional seja interessantíssima, é necessário ressaltar que a luta por igualdade não deve acontecer através da aniquilação das diferenças (como queria Magneto no primeiro filme) e sim pela consideração das questões étnicas e culturais⁸. De qualquer forma, só é possível haver um diálogo sadio entre diferentes culturas, etnias ou crenças, se a alteridade/identidade conseguir se distanciar do etnocentrismo. O problema da questão da ‘reflexão acerca do outro’ ao longo da história sempre foi o fato dessa reflexão estar associada ao etnocentrismo, ou seja, com “uma visão de mundo na qual há apenas uma história comum a toda a humanidade. Esta história comum tem diversos estágios, alguns mais avançados e outros menos. Os estágios mais avançados comumente são

⁸ SOUZA; OLIVEIRA, 2004, p. 11.

associados à cultura da pessoa que está efetuando a pesquisa”⁹. Segundo Ezequiel de Souza e Kathlen Luana de Oliveira, o “etnocentrismo é condição *sine qua non* para o racismo”, i.e, para o preconceito e a discriminação étnica.

Mesmo se tratando de seres humanos mais evoluídos, as pessoas não consideram os mutantes ‘seres humanos’ e, por isso, os mutantes recebem o estigma: mutante. O preconceito é sempre uma diminuição do outro. A ironia nos filmes dos mutantes é que neles os mais evoluídos são os desprezados, o que torna o preconceito recíproco por parte de alguns mutantes também (Magneto e a Irmandade). Como obra de ficção, esses filmes chegam a ser um eco cultural do que está acontecendo no mundo. Também dentro das sociedades, os olhos são fechados para a diferença – preconceitos contra portadores de necessidades especiais, idosos, mulheres, doentes, negros, dependentes químicos, etc. No Brasil, ainda existe a questão de que o preconceito se encontra disfarçado: ele está implícito nos salários baixos e nas falências das estruturas de educação e de saúde. Para Ezequiel de Souza e Kathlen Luana de Oliveira, “o problema é que sempre que nos aproximamos de alguma forma de comportamento e de pensamento diferente, tendemos a classificar a diferença hierarquicamente, o que é uma forma de excluí-la. Um outro modo de perceber e enfrentar a diferença cultural é tomar a diferença como um desvio, deixando de buscar seu papel na totalidade”¹⁰.

...e a questão da tolerância!

Os X-Men defendem a idéia de que o exercício da tolerância é a chave para a convivência pacífica entre seres humanos e mutantes. Um dos caminhos para o exercício da tolerância inicia-se a partir da educação. Essa educação não é apenas uma educação institucional, mas uma educação que acrescenta a dimensão

⁹ SOUZA; ALMEIDA apud SOUZA; OLIVEIRA, 2004, p. 4.

¹⁰ SOUZA; OLIVEIRA, 2004, p. 7.

humanística que ensina a perceber a necessidade da convivência, do respeito, da cidadania. Ou seja, é um constante aprender a viver. É por isso que a primeira atitude do Professor Charles Xavier é criar o Instituto Xavier: uma escola para jovens superdotados, em que os adolescentes têm o espaço adequado para descobrir suas habilidades extra-ordinárias e para aprenderem a se relacionar com o diferente e a respeitá-lo em suas diferenças. Nessa escola, há a oportunidade desses jovens trabalharem o processo de auto-aceitação e a construção de sua identidade, enquanto se mantêm longe de pessoas que possam discriminá-los ou recriminá-los pelo fato deles serem mutantes, tratados como ‘aberrações’ ou ‘monstros’. Essa escola foi criada inclusive em parceria com Erik Lensherr, que, posteriormente, verteu por outros caminhos e abordagens políticas distintas.

Os novos mutantes são descobertos por Charles Xavier através do Cérebro, uma sala capaz de amplificar exponencialmente seus poderes psíquicos. Os novos mutantes recebem a visita de Charles Xavier, acompanhado por alguns de seus alunos, que explica para a família a necessidade de uma educação especial e a importância do Instituto Xavier para a formação do adolescente. Alguns dos alunos são recrutados e treinados para participarem de uma equipe especial que realiza abordagens diretas a outros mutantes que tiram proveito das suas habilidades. Essa equipe, chamada de X-Men (‘X’ vem de poderes eXtras e alude também à consoante inicial do sobrenome de seu mentor)¹¹ é preparada para defender os seres humanos dos ataques de outros mutantes, ela é preparada para defender aqueles que os temem e aqueles que até os odeiam. Os X-Men estão dispostos a se doarem em favor de quem não os considera ‘pessoas’.

O temor e o ódio da população ‘humana’ podem ser amenizados, à medida que um dos ex-alunos do Instituto, Henry McCoy (conhecido como ‘Fera’) é secretário diplomático para a causa mutante junto ao governo estadunidense. Assim, a tolerância é trabalhada pelos X-Men em, pelo menos, três âmbitos distintos: na

¹¹ GUEDES, 2004, p. 76.

educação, na defesa dos ‘mais fracos’ e na política. Isso significa que a tolerância só pode funcionar se ela é misturada na teia social e nas diferentes esferas da vida. Ações isoladas não são capazes de resolver o problema da intolerância na sociedade, podem amenizá-lo, mas não solucioná-lo. O horizonte para uma convivência pacífica entre diferentes culturas, etnias ou crenças pode ser evidenciado quando forças diferentes em esferas distintas são combinadas. Quando isso acontece, a ação tolerante torna-se construtiva; significa que é capaz de fazer com que as pessoas tenham consciência de seu valor, na sua singularidade e na sua coletividade, ao mesmo tempo em que desperta o respeito à alteridade:

Tolerância construtiva implica reconhecimento e integração daquilo que os outros sistemas de convicções tenham de próprio, implica estar a par da convicção própria tanto das outras opiniões, na constante disposição de sempre se questionar. Na tolerância construtiva, o respeito pela dignidade humana ocupa lugar central, o que se pode sustentar, porquanto tolerância implica que a pessoa tenha consciência do valor próprio como pessoa e, conseqüentemente, tenha viva uma convicção que é experimentada como cheia de valor. Mas a tolerância implica igualmente o respeito pelo outro e o engajamento numa convivência humana digna.¹²

Por fim, poderia se perguntar: o que faz os X-Men se engajarem por uma convivência pacífica entre humanos e mutantes ou o que faz os X-Men respeitarem justamente aqueles que os desprezam? Afinal, por que os X-Men são bons? Depois de descartar várias hipóteses, o filósofo Dr. C. Stephen Evans, PhD e estudioso de Kierkegaard, acredita que os X-Men são bons pelo fato deles estarem próximos a pessoas que amam o bem, como o Professor Charles Xavier. “Um aspecto importante da escola de Xavier para mutantes é que ela é um lugar em que os alunos podem ser aceitos e amados, e naturalmente desejar ser como aqueles que se dedicam a ajudá-los”¹³. Para o filósofo,

¹² SOUZA; OLIVEIRA, 2004, p. 18.

¹³ EVANS, C. Stephen. Por que os super-heróis devem ser bons? Homem-Aranha, os X-Men e o duplo perigo de Kierkegaard. In: IRWIN, William (Coord.). *Super-heróis e a filosofia: verdade, justiça e o caminho socrático*. São Paulo: Madras, 2005. p. 167.

Em muitos sentidos, os X-Men associados a Xavier personificam o amor ao próximo que Kierkegaard vê como dever humano fundamental. Eles trabalham para o bem dos outros, lutando por um mundo no qual todos sejam aceitos e não apenas aqueles que são iguais, que fazem parte de uma rede de família e amigos ou que repagarão pelo bem de uma maneira ou de outra. Os X-Men trabalham para o bem de todos, incluindo até aqueles que tentam persegui-los e prejudicá-los. O amor e o interesse deles pelos outros parece incondicional em qualidade e universal em extensão.¹⁴

Talvez, esse amor e esse interesse pelos outros que o teólogo e filósofo dinamarquês Søren Kierkegaard vê como dever fundamental imprescindível para a convivência humana seja o segredo para a tolerância vir a ser a engrenagem-mestre dos mecanismos sociais. Kierkegaard “afirma que Deus pede a nós que amemos o próximo como a nós mesmos, e que não temos a permissão de dizer que alguém está fora da categoria de ‘próximo’”¹⁵. No entanto, para que isso aconteça, é necessário, em primeiro lugar, “vencer o egoísmo natural e a simples inércia que nos conduz à satisfação de nossos desejos quando esses desejos entram em conflito com o bem dos outros”¹⁶ (uma batalha interna) e, em segundo lugar, é necessário vencer o mundo e as estruturas externas que impedem o ser humano de exercer o amor ao próximo (uma batalha externa). Para Kierkegaard, este é o verdadeiro altruísmo cristão, capaz de abnegar-se de si mesmo:

[...] sem temer por si mesmo e sem consideração consigo mesmo aventurar-se no perigo em relação ao qual os contemporâneos, enredados e cegos e acumpliciados, não têm ou não querem ter nenhuma idéia de que aí há honra a conquistar, de modo que então não só é perigoso lançar-se ao perigo, mas é duplamente perigoso, porque o escárnio dos espectadores aguarda o corajoso, quer ele vença ou seja derrotado.¹⁷

¹⁴ EVANS, 2005, p. 163.

¹⁵ EVANS, 2005, p. 159.

¹⁶ EVANS, 2005, p. 159-160.

¹⁷ KIERKEGAARD, Søren. *As Obras do Amor*: algumas considerações cristãs em forma de discursos. Bragança Paulista: Editora Universitária São Francisco; Petrópolis: Vozes, 2005. p. 227.

Os X-Men demonstram-se capazes de tal altruísmo e, talvez, seja esta a chave para o exercício da tolerância e o respeito à alteridade: doação incondicional ao próximo, sem a pretensão de excluir alguém da categoria de 'próximo', valorizando-o como pessoa, que possui uma história, experiências particulares, um jeito próprio de se entender no mundo, uma cultura singular e, tudo isso, a partir de um diálogo maduro, aberto e sadio, dentro das mais distintas esferas humanas. Esse é um desafio que a história dos X-Men propõe para todo e qualquer relacionamento humano. Essa é uma proposta que os X-Men lançam àqueles que se preocupam com a questão da tolerância e a convivência pacífica entre pessoas diferentes.